

MODALIDADE DO RESUMO: EXPANDIDO
ÁREA TEMÁTICA: RELAÇÕES DE GÊNERO
CLASSIFICAÇÃO DO TRABALHO: EXTENSÃO

AS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS INFANTOJUVENIS: UMA ANÁLISE ACERCA DOS PERSONAGENS DA TURMA DA MÔNICA JOVEM

Caroline Leite Borges de Oliveira¹

Jéssica Ribeiro de Oliveira²

¹Estudante do Curso de Licenciatura em Pedagogia, CE – UFPE (E-mail: carol.lbo98@gmail.com)

²Estudante do Curso de Licenciatura em Pedagogia, CE – UFPE (E-mail: joliver.jro@gmail.com)

Resumo:

Introdução: Este trabalho teve como foco a análise dos discursos acerca das questões de gênero e sexualidade representados nas histórias em quadrinhos da Turma da Mônica Jovem, a fim de captarmos as inferências desse veículo midiático, popular entre os pré-adolescentes, na formação do público-alvo que as consomem. Para isso, realizamos uma pesquisa de cunho qualitativa do tipo descritiva, na qual analisamos 5 histórias em quadrinhos desta nova releitura de Maurício de Souza, selecionadas dentre a primeira e a segunda coleção já publicadas. O estudo revelou que as representações acerca do gênero e sexualidade são muito recorrentes nesta nova coleção já que as histórias giram em torno dos novos relacionamentos dos personagens, agora adolescentes. Entretanto, embora identifiquemos situações e discursos que questionam o machismo, o discurso em prol da manutenção da heterossexualidade como norma ainda é bastante presente.

Metodologia: Inicialmente realizamos um estudo bibliográfico a fim de compreendermos o que nos diz a literatura acerca da relação entre histórias em quadrinhos e a educação, bem como sobre as reproduções socioculturais acerca das representações de identidades de gênero. Posteriormente, Para a coleta de dados foram utilizadas 5 histórias em quadrinhos da turma da Mônica jovem selecionadas dentre a primeira e a segunda coleção já publicadas. Utilizamos como fontes bibliográficas as revistas em formato eletrônico por ser o meio mais rápido e abrangente de obtenção de informações. Selecionamos tais materiais a partir de uma sondagem prévia da capa e das temáticas das edições seguida de um recorte das obras mais coniventes ao desenvolvimento da pesquisa. Para tanto, selecionamos a primeira e última revista da primeira edição e a primeira da segunda edição, a fim de fazermos um comparativo da evolução da obra durante o período de publicação. Além disso, selecionamos duas

revistas da primeira edição em que mais foram influentes os discursos acerca do gênero. Como procedimento de análise de dados, utilizamos a técnica da análise do discurso, seguindo as etapas propostas por Bauer (2002), destaque nas áreas sociais como nos estudos da mídia. **Resultados e Discussão:** A Edição nº 05 da primeira coleção da HQ da turma da Mônica Jovem é intitulada “Aventuras do dia a dia”. A edição é composta por três histórias, a primeira história é nomeada “Onze coisas que as garotas amam!” Nessa história a mãe da personagem Mônica mostra para a filha e suas amigas as onze coisas que garotas amam definindo estereótipos de feminilidade tais como maquiagem, compras, flores, joias, vaidade, dentre outros, que são definidos como atributos que todas as meninas precisam ter para serem consideradas como tais. Dito isto, ao reproduzir esta concepção do que é ser mulher, a revista contribui na naturalização dos padrões impostos socialmente ao público-alvo feminino. A culpabilização e rivalidade das personagens femininas também é bastante presente. Na edição nº54 Cheia de Onda as meninas, estando durante toda a história em rivalidade com a personagem Amanda, no fim são culpabilizadas como neuróticas e ciumentas pelos meninos. Já na edição nº05 “Onze coisas que garotas amam!” e “garotos são todos iguais” a Mônica aparece se desculpando por ter exagerado em sua reação quando sente ciúmes. Esse aspecto se relaciona com a ideologia da dominação masculina, que incapacita as mulheres como seres racionais e independentes. “Acontece que muita gente foi ensinada a acreditar no mito da rivalidade feminina. Trata-se de um mito próprio da ideologia da dominação masculina que se sustenta em mil invenções sobre uma suposta natureza feminina avessa à condição das mulheres como seres capazes de apoiar e ajudar umas às outras. Ora, a manutenção do poder patriarcal precisa que se evitem certos pensamentos e ações que as mulheres possam ter. A união das mulheres é tida nesse contexto como um perigo que se deve evitar.” (TIBURI, 2016, p. 07). Em relação a representação dos estereótipos de masculinidade no quadrinho, pudemos perceber que esta é menos expressiva do que a feminina, ou seja, existe uma preocupação mais massiva com a padronização do corpo feminino do que com o masculino. Tais signos que são veiculados pelos meios de comunicação de massa, que representam o homem como único provedor na família, atribui às mulheres uma condição inerente de cuidadora do lar e da prole. Nas palavras de Sarti (2005), “Cumprir o papel masculino de provedor não se configura, de fato, um problema para a mulher, acostumada a trabalhar, sobretudo quando tem precisão; para ela, o problema está em manter a dimensão do respeito conferida pela presença masculina. Quando as mulheres sustentam economicamente suas unidades domésticas, podem continuar designando, em algum nível, um “chefe” masculino. Isto significa que, mesmo nos casos em que a mulher assume o papel de provedora, a identificação do homem com a autoridade moral, a que confere respeitabilidade à família, não necessariamente se altera.”(p.67). Em todas as edições analisadas as personagens femininas têm suas sexualidades constantemente reprimidas, a todo momento sendo lembradas que garotas precisam ser sutis. Corroborando com a ideia de que as mulheres precisam conter sua sexualidade, enquanto os homens devem e precisam expor para afirmar e manter a heterossexualidade como norma. Além disso, em todas as edições analisadas constatamos que não há relacionamentos homoafetivos, bem como nenhuma configuração familiar fora dos modelos de família nuclear: mãe, pai e filhos/as.

Conclusões: As histórias em quadrinhos são um veículo midiático popularmente disseminado entre as diferentes classes sociais e faixas etárias, sendo assim, são um importante meio difusor de valores culturais e sociais. Ao delimitarmos nosso enfoque às questões de sexualidade e gênero analisamos o potencial das noções de representatividade e performatividades construídas ao longo da revista em questão. O universo da Turma da Mônica criado por Mauricio de Sousa não se restringe aos gibis tradicionalmente comercializados, mas também a uma gama de pedagogias culturais que são veiculadas no dia a dia. Portanto, também o encontramos nos currículos ocultos, que de acordo com Silva (2010), “(...) é constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem, de forma implícita, para aprendizagens sociais relevantes” (p. 78), ditando normas e valores representados pelos diversos personagens que compõem os quadrinhos. Estarmos atentos a essa veiculação é a oportunidade de questionarmos e atentarmos ao público-alvo a necessidade de realizarmos uma leitura crítica não só do material, mas de mundo. Apesar de observarmos que o quadrinho em algumas situações propõe o questionamento acerca do machismo, este ainda apresenta poucas oportunidades de quebra de paradigmas histórico e socialmente construídos. Muitas vezes de forma sutil e cômica confronta tais problemáticas, porém em seguida reforça padrões que fora questionado no quadro anterior. Através de dispositivos discursivos, presentes na HQ da turma da Mônica Jovem, são notórias as tentativas para a manutenção e enraizamento dos padrões branco, masculino e heterossexual.

Palavras-chave: Gênero e Sexualidade; Educação; Histórias em Quadrinhos.

Referências:

- BAUER, Martin W. GASKELL, George (editores). **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi.- Petrópolis, RJ : Vozes, 2002.
- SARTI, Cynthia Anderson. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. - 3 ed.- São Paulo: Cortez, 2005.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- TIBURI, Márcia. Prefácio. In: SOUZA, Babi. **Vamos juntas? O guia da sororidade para todas**. Editora Galera Record. 2016.